



RELIGIÕES ABRAÂMICAS: um estudo historiográfico sobre seus dogmas, costumes e doutrinas

Heloisio Costa de Oliveira¹

Resumo

O trabalho propõe uma revisitação histórica ao início e desenvolvimento das três grandes religiões monoteístas e Abraâmicas nascidas no Oriente Médio: Judaísmo, Cristianismo e Islamismo, além de fazer algumas comparações quanto as maneiras individuais de cada um destes três grupos religiosos e revelar similitudes e controvérsias em seus dogmas, costumes e doutrinas. Através das diretrizes dos três livros sagrados, Torah, Bíblia e Alcorão, a pesquisa perpassa os pontos convergentes e divergentes de cada uma das religiões para concluir que desde suas raízes, as religiões mantêm uma linha que as aproximam, ainda que seus conceitos e doutrinas os tornem irreconciliáveis sob o ponto de vista religioso e ainda que professem, em última análise, o mesmo Deus.

Palavras-chave: Religiões Abraâmicas. Monoteísmo. Oriente médio.

Abstract

The work proposes a historical revisit to the beginning and development of the three major monotheistic and Abrahamic religions born in the Middle East: Judaism, Christianity and Islam, in addition to making some comparisons as to the individual ways of each of these three religious groups, and revealing similarities and controversies in their dogmas, customs and doctrines. Through the guidelines of the three sacred books: Torah, Bible, and Quran, the research goes through the convergent and divergent points of each of the religions to conclude that from their roots, religions maintain a line that brings them closer even if their concepts and doctrines make them irreconcilable from a religious point of view, even if they ultimately profess the same God.

Keywords: Abrahamic Religions. Monotheism. Middle East.

¹ OLIVEIRA, Heloísio Costa de. Licenciado em Música, Especialista em Filosofia e Teologia e mestrando em Ciências da Religião.
heloisio@musicomusico@gmail.com

1. Introdução

O fato de cerca de quatro bilhões de pessoas, mais da metade de toda a população mundial, ser adepta de uma das três religiões – Judaísmo, Cristianismo e Islamismo – torna Abraão, seu patriarca, um nome de grande importância e relevância, merecendo assim ser estudado com seriedade. Este vultoso e expressivo número mostra outra divisão que podemos traçar: um mundo menor com as religiões não Abraâmicas e um outro mundo, maior, que trataremos a partir de agora neste artigo, como mundo Abraâmico.

Além do fato de ter como mesma raiz o Pai Abraão, essas três religiões diferem das outras por serem monoteístas². Na ordem de aparecimento cronológico de surgimento, temos primeiro o Judaísmo, que tem entre seus antecedentes, na ordem decrescente, dez gerações até chegar a Adão, primeiro homem criado por Deus. Temos, em seguida, o Cristianismo, criado a partir da ordem de Jesus Cristo que estimula e incentiva a criação de uma nova igreja com um novo pacto e uma nova aliança, fundamentada no próprio Cristo como cumpridor da antiga aliança com os judeus. Pouco mais de meio século após a criação do Cristianismo, surge, na península Arábica, o Islamismo, a terceira e última religião que pleiteia para si também a premissa de ter em Abraão seus princípios. Esta última, o Islã, pode ser definida em Neefjes, Calvo e Rocha como:

Religião da submissão, da entrega e da obediência voluntária a Deus. Não tem qualquer associação com pessoas ou com um povo específico. É uma religião universal, com cerca de um bilhão e trezentos milhões de adeptos congregados numa grande comunidade - UMMAH - que transcende línguas, etnias e classes sociais.³

Ainda para Neefjes, Calvo e Rocha, o Islamismo “fundamenta-se num monoteísmo puro e se substancia na sua máxima que diz: Não há divindade senão Deus, e Muhammad é seu profeta”⁴. A literatura do Judaísmo, por ser a mais antiga e por anacronismo, não pode citar nem o Cristianismo nem o Islamismo. Já o Cristianismo, a segunda religião, cita os judaísmo em várias passagens. E, finalmente, o Islamismo, religião mais nova dentre as três,

² “O monoteísmo não é o único termo para se fazer uma aproximação à manifestação da religião como fenômeno voltado para as dimensões do sagrado no círculo da experiência humana ou antropológica do divino. Juntamente com o conceito de monoteísmo podemos falar também de henoteísmo, politeísmo, panteísmo e, mais recentemente, de panenteísmo para referirmos a outras categorias, sem o intuito de mencionar todas”. PRATES, Lisaneos. Monoteísmo Cristão, aproximação teológica. Revista de Cultura Teológica v. 16 – n. 65 – out/dez 2008.

³ NEEFJES; CALVO; ROCHA. O monoteísmo (Judaísmo, Cristianismo e Islamismo) Religiões Intolerantes? Horizonte, Belo Horizonte, v. 1, n. 2, p. 17 – 27, 2. sem., 1997, p. 24.

⁴ Neefjes, Calvo e Rocha, 1997, p. 24.

cita as duas anteriores. Cuidaremos e trataremos de algumas destas citações no percurso deste artigo.

Para o Judaísmo, as questões de sua literatura podem ser vistas da seguinte forma, segundo Reimer,

A Bíblia hebraica alude ou descreve de diversas formas momentos formativos do sistema de pensamento religioso monoteísta até chegar à síntese, a qual, por sua vez, é tomada como critério para a revisão e edição do conjunto dos textos que passaram a formar os textos canônicos representativos do Judaísmo palestinese, a saber, a 'bíblia hebraica' ou o TaNaK.⁵

São três literaturas principais, uma para cada religião, além de um conjunto lateral composto de outras mais literaturas que se complementam, se cruzam, se opõem e se integram, desafiando padrões hermenêuticos, visando a aceitação cada qual de seus valores éticos, dogmáticos, litúrgicos e culturais. É comum aparecerem os mesmos personagens, porém com papéis totalmente antagônicos, o que facilita a compreensão desta ou daquela passagem que vem corroborar a veracidade de cada uma destas três religiões.

Ainda há de se informar que estas religiões são conhecidas como religiões monoteístas do Oriente Médio. A região do Oriente Médio é representada atualmente por um composto de 17 países⁶. É a partir desta localização geográfica que todo o enredo, seja no Alcorão, seja na Torah, seja na bíblia cristã, tem em Abraão sua história de fé iniciada. É nesta região, também, que se tem o mundialmente conhecido rio Nilo e seu delta e os extensos desertos, como o do Sinai e o Saara. Uma região digna das maravilhas do mundo como a pirâmide de Gizé, o farol de Alexandria, o mausoléu de Halicarnasso e os jardins suspensos da babilônia. A gênese destas religiões é a mesma na qual estão os rios Tigre e Eufrates; é a mesma região da mesopotâmia, por onde antropólogos e cientistas vem concordando em ser também o berço da civilização.

De que forma essa dicotomia da cultura judaico-cristã e islâmica influenciam as outras nações, colocando-as em posições pró ou contra a cultura de sua preferência? Falar sobre estes grupos religiosos pode contribuir de alguma maneira para entendermos as ciências políticas e as relações internacionais a partir do Oriente médio. Pode esclarecer as razões dos conflitos e guerras como Irã x Iraque (Sunitas-Xiitas), Israel x Palestina, Israel x liga árabe. Além de fatos mais modernos, como o ataque de 11 de setembro de 2001 às torres

⁵ REIMER, Haroldo. Monoteísmo e identidade. Protestantismo em revista. Revista Eletrônica do Núcleo de Estudos e pesquisa do Protestantismo (NEPP) da Escola Superior de Teologia v. 16, 2008, p. 68.

⁶ NE. Os 17 países que compõem o Oriente Médio são: Arábia Saudita, Bahrein, Chipre, Egito, Emirados Árabes Unidos, Iêmen, Israel, Irã, Iraque, Jordânia, Kwait, Líbano, Estado da Palestina, Omã, Qatar, Síria e Turquia.

gêmeas em Nova York e o ataque ao jornal Frances Charles Hebdo, que podem ser esclarecidos a partir das colocações desta pesquisa. Nesta direção, toda a gênese das disputas por territórios pode ser desvelada.

Outras possibilidades nas perspectivas decorrentes da leitura desta pesquisa miram-se na compreensão pragmática dos métodos aplicados, como o terrorismo do Estado Islâmico, as intifadas palestinas, a compreensão de toda a problematização do engendrado jogo de xadrez que divide o mundo ocidental e oriental e as cruzadas e a inquisição católica, sempre presentes nos livros de história, que serão aqui ao menos contextualizadas, compreendidas ou justificadas. Além disso, os genocídios e termos como antissemitismo, anticristão e anti-islã também serão pontuados e compreendidos neste trabalho.

A pesquisa se mostra ainda mais relevante quando se propõe a evidenciar as contribuições destas três religiões para várias áreas do conhecimento humano, tais como: política, arte, economia, gastronomia, direito, arquitetura e literatura. Assim, serão apresentadas a seguir as três religiões, de acordo com a ordem cronológica de seu aparecimento para a humanidade.

2. Judaísmo

Para se compreender a essência do Judaísmo é necessário ter um entendimento sobre o que representa para os judeus o decálogo, a Torah e o monoteísmo. Epelboim nos dá um quadro que pode trazer à luz esta relação:

Observa-se que o primeiro mandamento se refere à existência de um Deus único, poderoso e bondoso que salvou os filhos de Israel da escravidão, proporcionando-lhes uma vida melhor e que deve ser o único Deus louvado e amado por eles. Tal mandamento parece explicitar de modo bastante sucinto um princípio fundamental no judaísmo – o monoteísmo. O monoteísmo expressa a crença na unidade de Deus. Tal unidade, segundo Asheri (1995), é especial, pois apresenta Deus como um único que não se assemelha a qualquer outro ser existente, já que este pode ser dividido em partes, enquanto aquele é absolutamente indivisível, representando a menor unidade possível de existir.⁷

Partindo da narrativa dos textos bíblicos sagrados, a Torah, utilizaremos a versão da bíblia Judaica Completa⁸ para referenciar esta seção do Judaísmo, seguidas de suas referências nas notas de rodapé. Outra literatura que nos apoiará como um contraponto é o livro histórico de Flávio Josefo⁹.

⁷ EPELBOIM, Solange. Identidade judaica: considerações psicológicas acerca da dimensão religiosa. *Estud. psicol. Campinas* [online]. vol.23, n.1, 2006, p. 52-53.

⁸ BIBLIA Judaica Completa. Trad. Do original para o Inglês. David H. Stern. Trad. Do Inglês para o Português. Rogério Portella, Celso Eronides Fagundes. São Paulo: Editora Vida, 2010.

⁹ JOSEFO, Flávio. A história dos hebreus

O Judaísmo tem em Moisés (Mosheh¹⁰) o seu grande legislador e libertador. Mosheh, como é conhecido no meio judaico, foi um filho de uma mulher judia e escapou da morte poucos meses após seu nascimento, através de um estratagema de sua mãe e de sua irmã. A ordem do faraó era para que todos os meninos hebreus que viessem a nascer fossem assassinados. O menino Mosheh, que foi lançado dentro de um cesto no rio, foi encontrado, acolhido e criado pela filha do faraó. Completando o plano divino, Mosheh conseguiu ser cuidado também por sua mãe legítima¹¹. Mosheh então torna-se homem e, depois de um incidente fatal com um egípcio¹², demonstra seu senso de justiça e de amor para com o seu povo. Fugiu para as terras de Midiã onde permaneceu durante quarenta anos. Mosheh lá conheceu sua esposa Zípora e criou sua família¹³.

O ministério de Mosheh

Já com oitenta anos, Mosheh inicia seu ministério a partir de um fato milagroso: sua primeira experiência com Adonai¹⁴ (nome como os judeus costumam chamar Deus). Foi no monte Horebe, quando ele viu um arbusto incandescente – mesmo não vendo o rosto de Adonai – que Mosheh teve seu primeiro contato com Adonai, através de um diálogo por parte de Mosheh um tanto quanto incrédulo. Adonai se apresenta e ali mesmo mostra mais um milagre através da transformação da matéria corporal, mais especificamente através da transformação do braço de Mosheh em lepra. Adonai designa Mosheh como seu enviado para libertar o Seu povo do cativeiro do Egito¹⁵.

Já então na volta ao Egito, Mosheh, juntamente com seu irmão Arão, passam a cobrar a libertação total do povo hebreu. Segue-se então a recusa por nove vezes por parte do Faraó, culminando em nove pragas¹⁶. Já na décima tentativa, com uma décima praga que causou a morte de todo primogênito do Egito, finalmente o Faraó concorda com a libertação pacífica do povo hebreu¹⁷.

¹⁰ N.E. Mosheh é a forma como é grafado o nome de Moisés na Bíblia Judaica, portanto usaremos esta grafia para falar no libertador Moisés.

¹¹ BIBLIA Êx. 2: 1-10 (Sh'mot).

¹² BIBLIA Êx. 2: 11-12 (Sh'mot).

¹³ BIBLIA Êx. 2: 21-22 (Sh'mot).

¹⁴ N.E. Adonai ou Hashem são duas das formas como é grafado o nome de Deus na Bíblia Judaica, usaremos esta grafia de ADONAI para se referir ao Deus Javé.

¹⁵ BIBLIA Êx. 3 e 4 (Sh'mot).

¹⁶ BIBLIA Êx. 7:17-25, Êx. 8: 2-13, Êx. 8: 16-19, Êx. 8: 20-32, Êx. 9:1-7, Êx. 9:8-12, Êx. 9:13-35, Êx. 10:1-20, Êx. 10:21-29 (Sh'mot).

¹⁷ BIBLIA Êx. 11, 12 (Sh'mot).

Por ocasião desta décima praga, ficou instituído o que é conhecido em todo mundo judaico-cristão como o Pesach (a Páscoa)¹⁸. Uma festa cerimonial que com seus vários elementos e simbolismos trazem a lembrança ao povo da noite que antecedeu a libertação dos cativos e o livramento de seus primogênitos – visto que esta décima e definitiva praga só acometeu milagrosamente as casas dos egípcios.

A história do Judaísmo é repleta de fatos milagrosos e sobrenaturais. Mosheh, a partir desta décima praga e conseqüente libertação do povo, agora tem outra missão: reconduzir seu povo após cerca de quatrocentos anos longe da sua terra prometida, Canaã¹⁹. Já no caminho rumo a esta terra, o Faraó, ao que parece arrependido de sua decisão, vem ferozmente com todo seu exército em busca de vingança por seus primogênitos. O fato teria sido um verdadeiro genocídio visto que o povo Hebreu estava despreparado e desarmado. Acontece, então, a icônica história do mar vermelho²⁰. Mosheh ora a Adonai, que abre milagrosamente o mar vermelho deixando o povo hebreu passar. Quando os carros e carruagens dos guerreiros de faraó entram no grande mar, o mar retoma suas águas e todo o exército do Egito é levado pelo grande mar.

Segue-se então quarenta anos do povo hebreu sob a batuta de Mosheh. O local pós-travessia do mar vermelho era um grande deserto. E foi neste deserto onde foi feita uma grande parte da Torah, livro sagrado do Judaísmo. A autoria destes cinco livros é dada a Mosheh, este grande líder e legislador.

Os livros que formam a Torah são: B'reshit (Gênesis), Sh'mot (Êxodo), Vayikra (Levítico), B'midbar (Números) e D'varim (Deuteronômio). Nesta fase no deserto, Mosheh institui todas as leis para o Judaísmo, como leis morais, código de conduta, uma dieta rígida e o próprio decálogo, que foi cunhado por Adonai no monte Sião²¹. Foi neste período também que a profecia e a herança do patriarca Israel (que veio dar origem à nova nação) é finalmente executada. Tudo é realizado neste período: um senso do povo²² e as divisões e as colocações geográficas de cada uma das doze tribos²³ (dos 12 filhos de Jacó-Israel). Após deixar toda esta parte estruturada, Mosheh vem a falecer²⁴, deixando um legado de organização e um padrão no ritual de culto a Adonai.

¹⁸ BIBLIA Êx. 12, 1-28 (Sh'mot).

¹⁹ BIBLIA Êx. 3: 8 Êx. 13:5 (Sh'mot), Lv.20:24 (Vayikra), Nm.13:27 (B'midbar).

²⁰ BIBLIA Êx. 14:21-25 (Sh'mot).

²¹ BIBLIA Êx. 20 (Sh'mot).

²² BIBLIA Nm 1 (B'midbar).

²³ BIBLIA Nm 2 (B'midbar).

²⁴ BIBLIA Dt 24 (D'varim).

As próximas fases que o Judaísmo passa após as leis e instruções de Mosheh Torah ou Pentateuco²⁵ estão registradas em mais duas partes: Nevi'im, que são os livros dos profetas e reis, e o K'tuvim, que compreende uma série de livros escritos poéticos. O Judaísmo celebra dois grandes reis em sua história: pai e filho, o rei Davi e o Rei Salomão.

Davi é tido como grande herói nacional e responsável por grandes vitórias em batalhas e na conquista de territórios. Davi dá limites às atuais fronteiras do reino e torna Israel uma grande nação sob o ponto de vista militar. O filho que o sucedeu foi Salomão.

O rei Salomão tem seu lugar na história do Judaísmo por ser ele um homem com sabedoria ímpar. Salomão foi também o responsável pela construção do templo em Jerusalém, que teve toda a sua arquitetura e design ditados por Adonai ao seu pai, o rei Davi. É neste período do reinado de Israel que Adonai levanta homens e mulheres profetas que profetizavam para os reis e para o povo, tornando público o desejo e as orientações divinas. Assim, é neste período que também fica instituído um rígido modelo de poder teocrático: sacerdotes, profetas, reis.

A história do Judaísmo estende-se ainda um pouco mais quando o reino é dividido em duas partes: reino do norte e reino do sul. Anos após esta divisão, ambos os reinos são tornados cativos. A seguir, listamos os principais períodos do Judaísmo, e suas características:

Patriarcas: Refere-se ao período que remontam os primeiros textos bíblicos até os patriarcas Abraão, Isaque e Jacó. Tal período é narrado nos livros da Torah.

Reinado: Narrado no Nevi'im, o Reinado compreende o período em que os judeus tiveram o seu primeiro rei, Saul, que vai até as portas do cativeiro.

Cativeiro. Neste período, os judeus estavam divididos em dois reinos, e ambos foram feitos cativos. O primeiro reino pelo rei da Assíria e o segundo reino pelo rei da Babilônia.

Macabeus: É o período que compreende desde o domínio do Império Grego até a época de Cristo²⁶.

Diáspora: Foi o período em que os judeus dispersaram pelo mundo, a partir da destruição do templo de Jerusalém.

²⁵ NE O Pentateuco na bíblia cristã refere-se ao mesmo conjunto dos cinco primeiros livros da bíblia judaica, conhecidos como Torah.

²⁶ Este período é bem retratado na obra devidamente referenciada de: JOSEFO, Flávio. História dos Hebreus.

Novo estado de Israel: é o período que vai de 1947 aos dias atuais. Os judeus tem esta data como o fim de sua diáspora. Desde sua formação até os dias atuais os judeus estão divididos segundo suas crenças e costumes próprios, como: ortodoxo, reformista, conservador.

3. Cristianismo

A segunda religião Abraâmica é o Cristianismo. Esta religião basicamente adiciona aos livros do Judaísmo mais um compêndio de vinte e nove livros conhecido como Novo Testamento. Estes escritos subdividem-se ainda em quatro evangelhos e uma série de cartas, principalmente de autoria de Paulo, o Apóstolo. Sobre a criação e crescimento do cristianismo, Ferreira²⁷ afirma que a igreja cristã cresceu “rapidamente após o derramamento do Espírito Santo sobre os apóstolos na festa judaica do Pentecostes”.

O Cristianismo, como o próprio já diz, fixa-se na figura de Jesus Cristo. Esta religião vê em Jesus Cristo a segunda pessoa da trindade santa. Para os cristãos, nome como ficaram conhecidos os praticantes do cristianismo, a vinda de Jesus Cristo na terra, narrada nos quatro evangelhos, fez parte do plano de Deus para a salvação e redenção da humanidade. Neste caso então o cristianismo utiliza-se de textos do Antigo Testamento, que, para o Judaísmo, é a TANAK. Para justificar desde o seu primeiro livro, uma série de conjecturas visam ter em Cristo o messias prometido ao povo judeu. Devido Sua rejeição por parte do Seu povo, esta remissão e salvação foi estendida a todos os não judeus, conhecidos como gentios.

O Cristianismo, diferentemente do Judaísmo, é uma religião prosélita, buscando mais adeptos para sua crença. Esta religião prega o ide proferido por Cristo nos evangelhos. O Cristianismo apareceu para o mundo como a “seita do Nazareno” na evolução em seus primeiros três séculos. Sofreu perseguição de Roma, até que foi tido como religião oficial do Império Romano. Acerca desta perseguição, Litfin esclarece que,

Grosso modo, o fenômeno da perseguição aos cristãos na antiguidade pode ser dividido em três fases. Na primeira fase, a perseguição era desorganizada e surgia ao sabor de caprichos locais. Nesse período, de vez em quando era promovida pelas autoridades judaicas, como se vê com clareza no caso de Saulo... numa segunda fase histórica quando o imperador Trajano decretou a proibição do cristianismo... A terceira fase da perseguição contra a igreja primitiva começou com o imperador Décio, no ano 250.²⁸

²⁷ FERREIRA, Franklin. A igreja cristã na história: das origens aos dias atuais. São Paulo: Vida nova, 2013, p. 27.

²⁸ LIFTIN, Bryan M. Conhecendo os mártires da igreja primitiva: uma introdução evangélica. Tradução de Marcelo Cipolla. São Paulo: Vida Nova, 2019, p. 11-13.

Nasce, assim, o cristianismo da Igreja Apostólica Romana com seus dogmas e inovações. Sobre este nascimento, Bray²⁹ esclarece que dois fatos importantes para o estabelecimento e oficialização da religião foram: primeiro, o edito de 313 quando o imperador Romano Constantino legalizou o culto cristão; e o segundo fato foi o decreto do imperador Teodósio I no ano 380, tornando o cristianismo a religião estatal do Império Romano.

Moraes nos apresenta alguns destes dogmas e inovações do cristianismo desde seus primeiros anos, com suas respectivas datas de implantação:

Ano 310 Começa a vida monástica por Antônio de Alexandria...

Em 370. Principia o uso dos altares e velas...

Em 400. Paulino de Nola ordena que se reze pelos mortos, e ensina o sinal da cruz feito no ar.

Em 500. Gregório o Grande, origina o purgatório.

Em 607. O assassino imperador Phocas dá ao bispo de Roma o direito de primazia universal sobre a cristandade...

Em 609. O culto a virgem Maria é obra de Bonifácio IV. E a invocação dos santos e anjos é posta como lei da igreja.³⁰

O que sempre definiu as diretrizes do cristianismo durante toda sua história foram os concílios. Sobre estas assembleias, Ferreira assim os define:

Na história do Cristianismo, os Sete Concílios Ecumênicos começam com o I Concílio de Niceia (325) e vão até o II Concílio de Niceia (787). Essas assembleias foram chamadas de “ecumênicas” (*oikouménê*) por reunirem bispos e presbíteros que representavam as igrejas cristãs por todo o Império Romano, numa tentativa de afirmar um consenso doutrinal ortodoxo e estabelecer uma cristandade unificada.³¹

Além disso, podemos entender a história do cristianismo sob os seguintes períodos:

Patrística: Inclui desde o período da morte e ressurreição de Cristo, passando pelos apóstolos e seus escritos, adentrando à perseguição da igreja e avançando pela oficialização do Cristianismo como religião oficial. Sobre este período da patrística ou pais apostólicos, Miller adiciona que.

Os Pais Apostólicos, como são chamados, tais como Clemente, Policarpo, Inácio e Barnabé, foram os seguidores imediatos dos apóstolos inspirados. Eles tinham ouvido as instruções deles, trabalharam com eles no evangelho, e provavelmente tinham sido familiarmente conhecidos deles. Mas, não obstante os altos privilégios que eles gozavam como aprendizes dos apóstolos, eles logo se afastaram das

²⁹ BRAY, Gerald Lewis. Igreja: um relato teológico e histórico; tradução de Eulália de Andrade Pacheco Kregness. São Paulo: Shedd Publicações, 2017, p. 121.

³⁰ MORAES, Elias Soares de. Perguntas difíceis de responder. Volume 3, 4. ed. São Paulo: Editora Beit Shalom, 2019, p. 277.

³¹ FERREIRA, 2013, p. 81.

doutrinas que lhes tinham sido confiadas, especialmente no que diz respeito ao governo da igreja.³²

No decorrer deste período é que são realizados os vários concílios ecumênicos, que determinam para os cristãos as normas de uma vida espiritual rumo à salvação da alma. É o período em que o papado é instituído e a autoridade eclesiástica é elevada à nível máximo na sociedade. A figura mais proeminente deste primeiro período (patrística) é Santo Agostinho, que introduziu a filosofia grega de Platão no cristianismo.

Escolástica: É o período ainda na Idade Média em que as ideias de Tomás de Aquino, o Tomismo, influenciam de forma prática no Cristianismo. A teologia baseada em princípios aristotélicos é implementada na igreja. O papado ainda possui autoridade eclesial e de Estado também nesta época. Outra característica da escolástica é o surgimento das universidades, em que se aprendem as sete artes liberais: o trivium e o quadrivium.³³

Reforma: Período vivido a partir do século XVI devido a discordâncias de Lutero e os reformadores e pré-reformadores, criando, assim, o Cristianismo Protestante.

Assim, o cristianismo atual encontra-se dividido segundo seus grupos de costumes, crenças, dogmas e práticas, tais como: Católico Romano, Católico Ortodoxo³⁴ e Protestante. Os protestantes, cristãos que contestaram a primazia da igreja romana, também se dividiram ainda mais posteriormente. Porém, no período da reforma, pode-se destacar três grandes movimentos: a reforma luterana, a reforma anglicana e a reforma calvinista. A Reforma Luterana foi feita, que Lutero contestou a igreja romana afixando as 95 teses na igreja de Wittenberg em 1517. Já a Reforma Anglicana foi a reforma implementada pelo rei Henrique VIII na Inglaterra, criando sua própria igreja. E a Reforma Calvinista foi a reforma feita em Genebra, na Suíça, por João Calvino.

O Cristianismo tem uma série de elementos simbólicos que caracterizam sua fé. A cruz como modelo de sofrimento de Jesus que aponta para a salvação é o seu principal. O batismo, os terços, os rosários, os relicários, as imagens dos santos, a oração aos mortos, o culto à virgem Maria são outras características da Igreja Cristã. No entanto, os cristãos têm

³² MILLER, Andrew. A história da igreja. Vol. 1. Diadema: Depósito de Literatura Cristã. 2017, p. 206.

³³ “Aqueles que ingressavam na universidade, após completar o estudo do *Trivium* (constituído de gramática, retórica e lógica) e do *quadrivium* (constituído de aritmética, geometria, astronomia e música), estudavam direito, medicina e teologia”, (FERREIRA, 2013 p. 124).

³⁴ NE o Catolicismo Ortodoxo ou Catolicismo do Oriente é fruto da primeira cisma que aconteceu em 1054 entre a igreja de Roma e a Igreja de Bizâncio. (FERREIRA, 2013, p. 11-112)

na ceia o seu momento máximo de representação em sua religiosidade. Assim, relembram na missa um mandamento de Jesus para realizar periodicamente a ceia ou Eucaristia³⁵.

4. Islamismo

A terceira religião Abraâmica, o Islamismo, é também uma das mais recentes religiões a serem fundadas. O Islamismo nasceu no século VI na península Arábica. Os fatos que narram o surgimento do Islã se iniciam a partir de visões do anjo Gabriel em uma caverna. Estas visões foram frequentes durante anos. Muhammad ou Maomé foi o profeta que teve estas visões e é por isto reconhecido como o profeta do Islã. Destes relatos de experiências místicas é que no Islamismo surge o Corão, que para Mubarak

É o livro sagrado do Islamismo. Segundo a tradição islâmica, o conteúdo do livro foi revelado ao profeta Mohammed durante 23 anos de sua vida, por meio do anjo Gabriel (Gibraíl). E o profeta, ainda que iletrado, de maneira milagrosa reteve os ensinamentos e pôde transmitir aos fiéis seguidores, transformando as revelações em um livro. Os acadêmicos islâmicos afirmam que o Corão é uma cópia do livro original que está no céu.³⁶

Na personalidade de Muhammad, “segundos alguns estudiosos”, Mubarak,

Por influência de seu avô, antes que fosse viver com seu tio, já detestava a adoração a ídolos praticada pelos árabes de Meca e, seguindo o exemplo de seu avô, tentava levar uma vida moralmente mais pura. Também existe uma ideia de que o contato com um Cristianismo e um Judaísmo mais autêntico em suas viagens até a Síria exerceram influência positiva sobre ele, visto serem religiões essencialmente monoteístas.³⁷

Nakashima nos apresenta também um breve histórico do início do Islã:

A princípio, as palavras de Mohammad, não foram bem recebidas. Mesmo ele não divulgava as revelações abertamente; somente familiares e as pessoas mais próximas as aceitaram prontamente. No entanto, mais e mais pessoas se interessavam por suas palavras de modo que não tardou para que Makka soubesse que aquele mercante disseminava o que se considerava revelações divinas.³⁸

Para um conhecimento básico e sintético sobre a vida de Muhammad e os desdobramentos da religião islâmica, Mubarak aconselha a nos familiarizarmos com algumas

³⁵ “Ao longo da história, a igreja foi fiel na obediência à ordem do Senhor de observar este rito, mas fez isso com diferentes compreensões do significado, propósito e resultados de sua celebração. A igreja Católica celebra a eucaristia de acordo com uma interpretação que se chama *transsubstanciação*... As igrejas Luteranas celebram... com uma interpretação que se chama *consustanciação*” (ALLISON, 2017, p. 756).

³⁶ MUBARAK, Caleb. Introdução ao Islamismo. Junta de Missões Mundiais da Convenção Batista Brasileira, 2014, p. 6.

³⁷ MUBARAK, 2014, p. 9.

³⁸ NAKASHIMA, Henry Albert Yukio. Dossiê. Islã: religião, etnicidade e cultura. Revista Tempos Acadêmicos, n. 7, 2009, p. 2- 3.

palavras e termos próprios do Islã, como: “Meca, Medina, Kaaba, Pedra Negra, Peregrinação (Hajj), Ramadão (Ramadã), Sunni, xiita, jihad (guerra santa), entre outros”³⁹.

Os muçulmanos, nome como também são conhecidos os convertidos ao Islã, tem como pilares em sua religião os seguintes preceitos: profissão de fé (shahada), oração (caridade; Zakat), jejum do Ramadã e peregrinação a Meca (Hajj). A chave que divide o Islamismo do Judaísmo é o fato de que os Muçulmanos acreditam que o seu profeta Muhammad é descendente de Ismael, o filho mais velho que Abraão teve com Hagar. Sendo assim, é ensinado aos muçulmanos que ao invés de Isaque (conforme aprendem os judeus e cristãos), foi Ismael quem passou pelo episódio narrado em Ge 22 a respeito da prova que Allah⁴⁰ fez com Abraão.

O Islamismo é dividido da seguinte forma na linha da história:

Criação do Islã é o período que compreende a vida do profeta Muhammad. O profeta estabelece basicamente a doutrina do Islã, passando a divergir contra o politeísmo existente e amplamente praticado na Caaba. Nesta fase é que acontece a data do nascimento oficial do Islã, que ficou conhecida como Hégira, definida por Mubarak da seguinte forma

No ano 622, Mohammed tomou uma decisão. Com a perseguição de seus opositores, e, com as ameaças de morte, ele se mudou para a cidade de Medina (chamada *YATHRIB*). “Essa mudança ficou conhecida como a Hégira (tradução do árabe: migração – ou mudança de Mohammed da cidade de Meca para Medina), foi no dia 16 de julho de 622, e marca o início da era muçulmana”⁴¹.

A cidade de Medina em pouco tempo chegou a ser a primeira capital da religião islâmica.

Já os **Primeiros Califados** é o período que vai da morte do profeta até a quarta sucessão. Este período remonta a grande disputa que foi a escolha do novo líder do Islã. Desta disputa surgiram dois grupos antagônicos em ideias a respeito da linha de sucessão do califado: os sunitas e os xiitas⁴². Nesta primeira sequência de sucessão, os primeiros califas foram: Abu Bakr (sogro do Muhammad), Omar I, Osmã e Ali (primo de Muhammad).

³⁹ MUBARAK, 2014, p. 9.

⁴⁰ MUBARAK 2014, p. 22, no Corão, a pessoa de Deus é Allah Hua Akbar (O grande e altíssimo).

⁴¹ MUBARAK, 2014 p. 11.

⁴² “Os Sunitas. Quem sucederia ao profeta depois que o líder e o fundador do Islamismo morreram? No mesmo ano (632 d.C.), durante uma reunião tida como democrática, ficou resolvido que se nomeariam alguns “apóstolos” ou aqueles que teriam a responsabilidade de continuar a missão que começou com Mohammed. Os escolhidos deveriam ser homens fiéis e muito piedosos. O primeiro deles foi Abu Backer. Ele era sogro do profeta (pai da amada *Aisha*, sua terceira mulher). Os sucessores do profeta deveriam continuar a missão através do que chamavam a Sunnah (A tradição viva), e por isso, eles foram chamados sunitas, porque eles somente aceitavam o Corão e outros ensinamentos, ditos, mandamentos e citações que depois foram escritos em fascículos chamados de *Hadiths* (As tradições escritas). Os sunitas são o maior

A **expansão do Império Muçulmano** foi o período que durou cerca de 560 anos. Teve seu início com o califado Omíada em 661 e terminou com o Império Abássida por volta de 1258. A expansão do Império Islâmico alcançou terras desde a Ásia Central, norte da África chegando à península Ibérica. O império muçulmano deixou um grande legado para a humanidade. Nas artes com seus tapetes e arabescos, na arquitetura com seus domos e minaretes e na filosofia com seus pensadores, Avicena e Avirróis.

Neste período, os árabes expandiram-se para além da Península Arábica, conquistando territórios na Ásia (para além do Oriente médio), no Norte e no Leste da África, na Península Ibérica e na Europa.

5. Conexões

Estes três grupos religiosos descendentes de Abraão guardam em seus princípios uma série de similitudes que os aproximam e outra série de discrepâncias que os afastam. Armstrong (2011) se apresenta como uma grande fonte e um guia rumo às conexões destas três religiões. Em seu livro “Jerusalém uma cidade: três religiões”, Armstrong (2011) faz uma robusta reflexão através da cidade de Jerusalém, e esclarece significados próprios e pontos de vistas individualizados sobre a cidade. Jerusalém é o local do templo de Salomão para os Judeus, é cidade de Deus para os Cristãos e se tornou um grande centro de peregrinação, assim como já era Meca para o Islã. Seguem algumas citações de Armstrong para exemplificar a importância da cidade de Jerusalém.

Para os Judeus:

Ao retornar de uma expedição militar, Abraão conheceu Melquisedec, rei e sacerdote de “Salém, que lhe ofereceu pão e vinho e o abençoou em nome de El – Elyon, o deus de Salém. A tradição judaica identificou “Salém” como Jerusalém.⁴³

Para os Cristãos:

A criação da Jerusalém cristã deslocou o centro sagrado da cidade, que antes se situava no monte Sião original e no monte do Templo. Foi nesses lugares que o Peregrino bordelês iniciou sua excursão por Jerusalém, e não nos santuários cristãos. No século VI os cristãos mal se dignavam a lançar um olhar para a esplanada do templo. Tudo o que antes se pensava ter ocorrido no monte Sião original agora se transferira para o Gólgota, a Nova Jerusalém.⁴⁴

Para os Islâmicos:

grupo de muçulmanos de todo o mundo. Estima-se que 90% dos islâmicos do mundo sejam sunita” (MUBARAK, 2014, p. 34).

⁴³ ARMSTRONG, Karen. Uma cidade, Três religiões. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 54

⁴⁴ ARMSTRONG, 2011, p. 265.

um dos lugares mais santos, depois de Meca, era Jerusalém. Os maometanos nunca esqueceriam que a cidade santa dos *ahlal-kitāb* fora sua primeira *qiblab*. Fora um símbolo que os ajudou a criar uma identidade islâmica diferenciada, a abandonar as tradições pagãs de seus ancestrais e a buscar uma nova família religiosa. Decisiva em seu doloroso processo de ruptura, Jerusalém sempre ocuparia um lugar especial em sua paisagem espiritual. Continuava simbolizando seu senso de continuidade e parentesco com os *ahl al – kitāb*, independentemente do reconhecimento de judeus e cristãos. Os muçulmanos a chamavam de *madinat bayt al – madqis*, a Cidade do Templo.⁴⁵

Data histórica: Cada uma destas religiões possui um calendário próprio. O Judaísmo utiliza um misto de calendário lunar e solar. Bem próximo deste calendário também é o do Islamismo, porém tem como marco inicial a data da Hégira, que marca o refúgio do profeta Muhammad para Yatreb. Já o cristianismo utiliza o calendário gregoriano, que tem em seu marco inicial o ano do nascimento de Jesus Cristo.

Patriarca fundador: O Judaísmo e o Cristianismo têm em Isaque, filho de Sara, o filho da promessa; possuem também o mesmo local sagrado (Jerusalém) e o mesmo tipo de adoração (monoteísta).

Literatura principal: Torah, Bíblia e Alcorão, são as principais literaturas utilizadas por estas três religiões. A Torah é para o Judaísmo o seu livro de fé. É um compilado de cinco livros, originalmente escritos em rolos e têm a autoria do profeta Moisés. Este escrito é lido semanalmente em porções chamadas de Parashá. A Torah é tão importante para os judeus que anualmente comemora-se a festa do Simchat Torah, data em que se acredita que Mosheh recebeu de Adonai este escrito no monte Sinai. Para o Judaísmo o acréscimo de mais dois grupos de escritos forma, juntamente à Torah, a essência da religião. A esta junção eles chamam de TANAK, em que a letra T representa os escritos da Torah, a letra N representa os escritos dos profetas e letra K representa os escritos históricos.

Já a bíblia para o cristianismo possui algumas variações. Dentre a principal, é a diferença da bíblia utilizada pelo grupo católico e outra utilizada pelo grupo protestante. A bíblia católica possui um acréscimo de onze livros, que são conhecidos como apócrifos. No que diz respeito à tradução, existem algumas versões: Septuaginta, Massorética. A bíblia cristã possui também o novo testamento que é a nova aliança em Cristo.

Já o Alcorão é para o Islã a grande literatura e é formado por 114 suratas, que são os capítulos, e 6.600 Ayas, que se comparam aos versículos da bíblia.

Literatura complementar: No judaísmo destaca-se o Talmude, que é uma série de leis morais que atuam em toda vida cotidiana dos judeus, servindo como um código de ética moral. O Cristianismo também possui uma série de livros complementares que são

⁴⁵ (ARMSTRONG, 2011, p. 277-278).

outorgados nas bulas, encíclicas, sumas e concílios. No caso do Cristianismo, estas discussões teóricas produzem novas literaturas com base em exegese e hermenêutica como complemento e interpretação da bíblia. Já para o Islã existem as Sunas e os Hadhites, que são também literaturas complementares nas quais se aplica uma interpretação do Corão. Estes escritos, conforme a tradição muçulmana, são relatos de experiências vivenciadas pelo profeta e transliterada para seus seguidores.

Filho da promessa: Isaque, filho de Abraão com Sara, é tido para judeus e cristãos como filho da promessa. Já Ismael, filho de Abraão com a escrava Hagar, é o filho da promessa e descendente do profeta Muhammad para os Muçulmanos.

Profeta maior: Para os judeus, o grande profeta e legislador sempre será Moisés, o libertador; já para os Cristãos, Jesus Cristo, além de messias é do grande profeta, o Deus Filho. E para o Islã não há outro profeta maior senão Muhammad, e a ele coube a última revelação e um novo pacto, visto que os judeus e os cristãos não foram diligentes nas leis divinas.

Cidade: Mesmo sendo Jerusalém uma unanimidade entre as três religiões, outras cidades também são importantes para elas. No caso do Judaísmo, todo o Estado de Israel é sagrado. Para o Cristianismo, além dos locais narrados na bíblia, também ficou consagrado como local santo a cidade de Roma, por conta da localização do papado. Já o Islamismo, que teve suas origens em Meca, mantém atualmente três grandes cidades como seus principais locais de fé, reverência e peregrinação: Meca, Medina e Jerusalém.

Templo: Quanto ao local de culto, os judeus utilizam ainda suas sinagogas com seu mobiliário próprio. Nas sinagogas existe um local onde são guardados os rolos da Torah. Já no Cristianismo, igrejas e catedrais são os modelos de templos, geralmente ornadas por imagens e por cenas bíblicas em seus painéis e/ou domos. E o islã possui como templo a mesquita. Assim como os judeus, os muçulmanos também constroem suas mesquitas de acordo com a sua localização em relação à cidade de Meca. A diferença é que os judeus constroem a sinagoga em direção a Jerusalém.

Sacerdote: No judaísmo sobressaem as figuras dos Rabinos, no cristianismo as dos padres, monges, freiras, cardeais e pastores e no islamismo encontram-se os aiatolás, califa, emir e Imãs. Estas são as autoridades eclesiásticas destas religiões.

Principal festa: Para Judeus e Cristãos certamente o Pesach, ou a páscoa, é a grande festa do ano. As duas religiões fazem interpretações diferentes e utilizam também elementos distintos em suas comemorações. Para o Judaísmo, o Pesach continua sendo a comemoração e lembrança da noite que precedeu a saída do cativo do Egito. Para o Cristianismo, no

entanto, ficam as palavras de Jesus quando em Seu último Pesach aqui na terra ele deixa uma incumbência para que Seus fiéis passem a fazer a ceia da Pesach em memória do sacrifício pelo qual Ele iria passar. Então, na sexta feita santa relembra-se a paixão e morte de Cristo, no sábado é o dia em que Ele vai ao inferno e no domingo comemora-se a ressurreição de Cristo Deus.

Ramificações: As três religiões não se mantiveram hegemônicas desde suas fundações, seja por questões culturais, políticas ou regionais. O fato é que houve vários cismas dentro de cada uma destas religiões. No Judaísmo, por exemplo, o fato da divisão do reino já mostrou uma primeira grande separação e diferenciação na maneira de adorar. Partidos políticos como os Fariseus e os Saduceus também são outro fator de discordâncias, principalmente nas interpretações quanto a forma e a execução das 613 Mitsvá. Atualmente, o Judaísmo encontra-se dividido entre judeu ultra Ortodoxo, Ortodoxo e Samaritano. Quanto a origem, também há uma divisão em dois principais ramos: os Asquenazi (oriundos da Alemanha e França) e Sefaradi (oriundos da Espanha).

No cristianismo, junto com a homologação definitiva do cânon cristão sagrado, os cristãos são expostos a vários conceitos e grupos considerados heréticos que serão responsáveis já por algumas divisões. Gnosticismo, docetismo, helenismo, arianismo, maniqueísmo são alguns exemplos destas cisões. Após contornar estas heresias, o cristianismo tem em 1054 o seu primeiro grande cisma. É o momento em que ocorre a separação da Igreja Católica Apostólica Romana da Igreja Ortodoxa Romana. Já no século XVI, mais especificamente no ano de 1517, o monge Martinho Lutero inicia o movimento protestante, criando o que ficou conhecido como a Reforma. Atualmente, o Cristianismo está dividido em: Catolicismo e Protestantismo, ambos com suas dissidências próprias.

No Islamismo as primeiras divisões se iniciam logo após a morte de Maomé, quando o seu sogro e o seu primo travam já um primeiro embate em busca da legitimidade da sucessão da liderança religiosa.

Alimentação: O judaísmo é o grupo religioso de maior restrição alimentar, no qual as leis que determinam a Kashrut encontram-se na Torah. Ao Cristianismo, por outro lado, é dado um salvo conduto na alimentação. No Novo Testamento, há uma grande discussão entre Paulo e Pedro sobre o que o Cristão pode ou não se alimentar ou se abster. É através da interpretação dessa discussão que o Cristianismo se baseou para ter uma dieta bem menos severa ou obrigatória como a dos Judeus. Já os muçulmanos, na questão alimentar, se aproximam bem mais aos Judeus, pois também possuem uma alimentação própria chamada de Halal.

Dia sagrado: Aqui as três religiões divergem totalmente: para o Judaísmo, o sábado, chamado de shabat, é considerado o dia sagrado (Gn) por ser considerado como o sétimo dia da criação em que Adonai descansou. Mais tarde, a guarda deste dia passou a ser sacralizada como o segundo mandamento do decálogo (Ex). Enquanto que para os judeus o sábado é o dia que deve ser guardado, para os Cristãos este dia é o domingo, o primeiro dia da semana, considerado como o dia do Senhor. E, finalmente, para os muçulmanos, a sexta-feira é o grande dia dedicado a Allah.

Escatologia: As três religiões possuem uma linha escatológica para o fim dos tempos. Ambas, cristã e judaica, falam de um julgamento final para toda alma e divergem sobre como se chegará este fim. Para os Judeus, o Messias virá conforme o prometido nas antigas escrituras; para os Cristãos, Cristo virá pela segunda vez, arrebatando a sua igreja e fazendo o julgamento final.

Considerações finais

Chegando ao final deste estudo, deixa-se para o leitor a atitude de cada religião em relação às outras. Para tanto, se apresenta as visões de três autores: Reynaldo Luiz Calvo, representando os judeus, relata que “o judaísmo como as religiões monoteístas em geral, não é na sua essência intolerante, embora muitas vezes alguns de seus seguidores o sejam”. Calvo cita ainda um destaque da Torah: “Se um estrangeiro habita convosco na vossa terra, não o molesteis. O estrangeiro que habita conosco será para vós como um cidadão, e tu o amarás como a ti mesmo, pois foste estrangeiro no Egito. Eu sou o eterno vosso Deus”.

Frei Félix Neefles, pelo cristianismo, relata que a partir de seu reconhecimento como religião oficial do Império Romano no 4º século, combateu sim, em certa medida, as outras religiões. Continua Neefles, “Em relação ao judaísmo, a culpa da morte de Jesus é atribuída ao povo judeu e não apenas a um grupo de dirigentes religiosos da época”. Também sob a égide do tribunal do santo ofício, o cristianismo perseguiu os cristãos novos que nada mais eram que judeus. Sobre o islamismo, a visão cristã, segundo Neefles, é a de que “a história ficou marcada por uma visão totalmente negativa a respeito do profeta Muhammad e da própria religião islâmica”.

Finalmente, Daniel José Fernandes Rocha, pelo islã, evoca o Corão na Surata 2, v. 256, no qual Deus diz: “Não há imposição quanto à religião”. E prossegue para citar outra Surata, a 29, v. 46: “E não discutais com os adeptos do livro (cristãos e judeus), senão da melhor forma... Dizei- lhes: cremos no que foi revelado antes; nosso Deus e o vosso é Único

e a Ele nos submetemos”. Conclui Rocha que “o Islã é uma religião universal, não sectária, não racial e não doutrinária, pois vive em função de toda a humanidade”.

Fazendo uma reflexão sobre o assunto das religiões monoteístas do Oriente Médio acredita-se que um movimento de ecumenismo possa ser o agente pacificador e reunificado, pois possuem o mesmo Deus (com nomes diferentes), possuem o mesmo genitor em sua árvore genealógica e possuem livros que são complementares (por vezes). Sendo assim, não se justifica o afastamento, sendo característica do mundo moderno-contemporâneo a globalização e aproximação do homem como ser comunitário que, conseqüentemente, comunga uma mesma fé.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALLISON, Gregg R. **Teologia histórica**: uma introdução ao desenvolvimento da doutrina cristã; tradução de Daniel Kroker e Thomas de Lima. São Paulo: Vida Nova, 2017.

ARMSTRONG, Karen. **Uma cidade, Três religiões**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

BRAY, Gerald Lewis. **Igreja**: um relato teológico e histórico; tradução de Eulália de Andrade Pacheco Kregness. São Paulo: Shedd Publicações, 2017.

EPELBOIM, Solange. Identidade judaica: considerações psicológicas acerca da dimensão religiosa. **Estud. psicol.** Campinas [online]. 2006, vol.23, n.1

FERREIRA, Franklin. **A igreja cristã na história**: das origens aos dias atuais. São Paulo: Vida nova, 2013.

JOSEFO, Flavio. **História dos Hebreus**: obra completa de Abraão à queda de Jerusalém. Rio de Janeiro: CPAD, 2019.

LIFTIN, Bryan M. **Conhecendo os mártires da igreja primitiva**: uma introdução evangélica. Tradução de Marcelo Cipolla. São Paulo: Vida Nova, 2019.

MAOMÉ. **O ALCORÃO**. Tradução de Mansour Challita. Rio de Janeiro: Best Bolso, 2012.

MILLER, Andrew. **A história da igreja**. Vol. 1. Diadema: Depósito de Literatura Cristã. 2017.

MORAES, Elias Soares de. **Perguntas difíceis de responder**. Volume 3, 4. ed. São Paulo: Editora Beit Shalom, 2019.

MUBARAK, Caleb. **Introdução ao Islamismo**. Junta de Missões Mundiais da Convenção Batista Brasileira, 2014.

NAKASHIMA, Henry Albert Yukio. Dossiê. Islã: religião, etnicidade e cultura. **Revista Tempos Acadêmicos**, n. 7, 2009.

NEEFJES; CALVO; ROCHA. O monoteísmo (Judaísmo, Cristianismo e Islamismo) Religiões Intolerantes? **Horizonte**, Belo Horizonte, v. 1, n. 2, p. 17 – 27, 2. sem., 1997.

PRATES, Lisaneos. Monoteísmo Cristão, aproximação teológica. **Revista de Cultura Teológica** v. 16, n. 65 – out/dez 2008.

REIMER, Haroldo. Monoteísmo e identidade. Protestantismo em revista. **Revista Eletrônica do Núcleo de Estudos e pesquisa do Protestantismo** (NEPP) da Escola Superior de Teologia v. 16, mai. – ago. de 2008. ISSN 1678 6408.

STERN, David H. (tradução do original para o inglês). **Bíblia Judaica Completa**. Trad. do Inglês para o Português: Rogério Portella, Celso Eronides Fagundes. São Paulo: Editora Vida, 2010.